



EDUCAÇÃO INFANTIL E RELAÇÕES RACIAIS: possibilidades metodológicas

Ivone Jesus Alexandre*

RESUMO

O artigo busca refletir sobre a prática pedagógica na Educação Infantil e as relações raciais a partir do projeto **Sala do Educador: Educação das Relações Étnico Raciais**. Esse projeto envolveu professores da UNEMAT-campus de Juara/MT, Secretaria de Educação Municipal de Juara e Profissionais das escolas e creches municipais. Neste texto apresentam-se aspectos sobre a temática diversidade presente nos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI) e nas das Diretrizes Nacionais Curriculares para as Relações Étnico (RCNERR), a história da infância da criança negra no Brasil e a proposição pedagógica para a temática racial na creche.

Palavras-chave: Educação Infantil. Relações Raciais. Creche. Professoras.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo refletir sobre as Relações Raciais e Educação Infantil, a partir do projeto de extensão - Sala do Educador: educação para as relações raciais que foram desenvolvidas em creches e escolas. Nesse artigo o enfoque foi a experiência realizadas nas creches, devido à preocupação com a escassez de debate na formação inicial e continuada de professores que atuam nessa modalidade e de alguns equívocos que ainda persistem em relação ao trato com crianças negras nesse espaço.

Sabendo da importância das instituições educacionais, desde a Educação Infantil rever sua postura e objetivos em relação ao trato com a diversidade racial, de gênero, étnica, sexo e

* Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT). Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). É integrante do Núcleo de Estudos sobre Educação, Gênero, Raça e Alteridade (NEGRA) da UNEMAT e do Grupo de Pesquisa sobre Ação Afirmativas e Temas da Educação Básica e Superior (GRAFITE). Professora concursada em Metodologia de Ensino na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Atua no Campus de Sinop. E-mail: jesusalexandre.ivone@gmail.com.

religião é que foi proposto essa temática na formação continuada do professor que ocorre na sala do educador das escolas e creches municipais de Juara.

Vimos na mídia, atualmente, e nas redes sociais inúmeros exemplos de intolerância explícita em relação às diferenças citadas. Para mudar esse quadro surgiram as políticas educacionais, que voltadas para essas temáticas determinam diretrizes curriculares que norteiem o trabalho pedagógico pensando em formar cidadão melhores, menos racistas, menos preconceituosos, menos homofóbicos e menos intolerantes.

Para compreender as relações raciais na sociedade contemporânea, neste texto retomo alguns aspectos da história da infância negra no Brasil, desde quando essas crianças foram traficadas com suas mães para serem escravas e também daquelas de origem brasileira, sua condição de vida na senzala, na casa grande e as leis que a beneficiaram de alguma forma. Ao final do texto compartilho as experiências vivenciadas na formação com professores, através do último projeto desenvolvido nas escolas e creches municipais da cidade de Juara/MT, bem como as sugestões de materiais didáticos disponibilizados para atividades na Educação Infantil e Ensino Fundamental, voltado para uma prática lúdica e crítica que prioriza as raízes da população negra, seu pertencimento, sua identidade, valorizando sua estética, origem e a história. Nesse texto mostro o trabalho desenvolvido com os profissionais das creches e suas falas avaliativas sobre o conteúdo divulgado no projeto.

2 O REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL E O ENSINO PARA A DIVERSIDADE RACIAL

A preocupação de um ensino voltado para as diferenças existentes na sociedade, fez com que o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil fosse elaborado com base em princípios de respeito à dignidade, aos direitos das crianças, às suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnico-raciais e religiosas. Traz em um de seus eixos a proposta pedagógica e diversidade, que prevê condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que assegurem o reconhecimento, interação, valorização e o respeito às histórias, à cultura africana e afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação.

As diferenças individuais são o ponto de partida e de chegada, pois as crianças percorrem diferentes caminhos em suas aprendizagens, já que cada uma tem seu jeito de aprender. As desigualdades e as diferenças estão presentes no mundo, no conhecimento e, portanto, nas crianças. O homogêneo, o igual, o mesmo não existem, por isso são importantes as interações entre as crianças. Devemos aceitar,

recriar, aprofundar as diferenças, criando outras (ABRAMOWICZ; WAJKOP, 1999, p. 65).

Nesta perspectiva, o trabalho que prioriza as diferenças raciais na creche deve proporcionar interações saudáveis, além do cuidar e educar, com exemplos de respeito, afeto e humanidade.

Pesquisas apontam (CAVALLEIRO, 2000; FAZZI, 2004; OLIVEIRA, 2004; SILVA, 2007) que o racismo na creche surge na Educação Infantil, na faixa etária entre 0 a 2 anos. Veja as conclusões de Oliveira e Abramowicz (2010) sobre a criança negra na creche: “os bebês negros são menos ‘paparicados’ pelas professoras do que os bebês brancos. Ou seja, o racismo, na pequena infância, incide diretamente sobre o corpo, na maneira pela qual ele é construído, acariciado ou repugnado” (OLIVEIRA e ABRAMOWICZ, 2010, p. 222).

Devido a essa realidade das creches, essas iniciativas devem iniciar desde o berçário. As crianças desde pequenas devem ser incentivadas a identificar as diferenças e compreendê-las como constituinte de nossa sociedade, da identidade brasileira, de forma saudável e respeitosa, precisa aprender desde pequeno a valorizar as diferenças fenotípicas, culturais e sociais.

3 A CRIANÇA NEGRA E A INFÂNCIA: um pouco de história

A história de vida das crianças de origem negra é marcada pela necessidade de sobrevivência, suas mães, sendo escravas, não possuíam direito algum sobre elas, nem mesmo pelo seu filho, visto também como mercadoria.

A condição de mulher escrava não permitia nenhum direito, poder ou valorização social, a criança negra ao nascer tinha o desafio de sobreviver nas condições da senzala para ser depois aceita pelos adultos (PARDAL, 2005 apud SILVA, 2007).

O registro da presença de crianças negras no Brasil historicamente se inicia no período da escravidão. Segundo dados obtidos a partir dos estudos de Góes e Florentino (1997), as crianças negras com menos de dez anos de idade que eram trazidas da África para o Brasil representavam, na época da escravidão, apenas 4% dos africanos que aqui chegavam. Os autores, após análise dos inventários post-mortem dos proprietários falecidos nas áreas rurais do Rio de Janeiro entre 1789 e 1830, descobriram que não existia propriamente um mercado de crianças cativas – algumas eram doadas ao nascer, enquanto outras, ao chegar ao fim da infância, eram comercializadas, ou seja, compradas e vendidas (SILVA, 2007, p. 21).

A criança negra, filhos de escravos tinha seus direitos cerceados. A escrava ao ter seu filho tinha apenas três dias para se recuperar do parto e voltar ao trabalho. A criança para sobreviver era incorporada às atividades do da mãe. As mães escravas desesperadas em

conseguir que seu filho sobrevivesse conciliava o trabalho com os cuidados que a criança precisava, assim carregavam-nas amarradas em suas costas ou eram postas no tejupado¹. (PARDAL, 2005 apud SILVA, 2007).

Pardal (2005 apud SILVA, 2007) afirma que outras crianças, como por exemplo, os filhos de ama de leite, eram postos na ‘roda’² ou frequentavam a casa grande, que tinham melhores condições do que a senzala, nesse espaço, Mott (1972) revela que Debret retratava que eram consideradas como uma espécie bichinhos domésticos.

Diferentes registros divergem sobre a idade com que as crianças negras entravam no mercado de trabalho, segundo Mott, a idade que as crianças negras começavam a realizar tarefas, tinha pouca importância diante das necessidades do sistema escravagista, importante é verificar que a criança escrava não era uma carga inútil para os senhores (MOTT, 1972). Quando ativas no trabalho perdiam sua identidade e seu sobrenome passava a ser sua profissão: Chico da Roça, João Pastor, Ana Mucama (GÓES; FLORENTINO, 1997 apud SILVA, 2007). Segundo Mott (1972), a preferência pela importação de escravos jovens e crianças se dava pela facilidade com que se adaptavam ao trabalho, pela expectativa de vida mais longa, pela diferença de preço e eram melhores que os nascidos no Brasil, por serem considerados menos rebeldes e menos ativos.

Com a Lei do Ventre Livre, de 28 de setembro de 1871, as crianças negras receberam um pouco de atenção legal, pois a lei exigia que os senhores escravagistas cuidassem das crianças negras nascidas livres até os oito anos de idade. E se não cumprissem a lei, as crianças seriam entregues ao Estado. Segundo Silva (2007), a maioria dos senhores, não quis entregar as crianças, ficaram com elas e exploraram sua mão de obra até os 21 anos. Na verdade, como o tráfico de escravos foi proibido, a mão de obra escrava diminuía no país, assim era vantajoso criar as crianças libertas até completar seus 21 anos. A lei do ventre livre teve pouca eficácia ou quase nenhuma na vida das crianças negras, pois continuaram sendo exploradas pelos senhores de engenhos, sem receber nenhuma educação diferenciada dos escravos (FONSECA, 2004 apud SILVA, 2007).

Silva (2007) afirma que ao término do século XIX, com as transformações econômicas e políticas, a falta de quem fizesse o trabalho braçal fez com que os senhores “amparassem”

¹ “[...] buraco cavado na terra, onde a criança era colocada até metade do corpo, invenção engenhosa de um fazendeiro do Maranhão, que obrigava as escravas a deixarem [nele] seus filhos, crianças de mama” (PARDAL, 2005, p. 53 apud SILVA, 2007, p. 22).

² “O nome da roda provém do dispositivo onde se colocavam os bebês que se queriam abandonar. Sua forma cilíndrica, dividida ao meio por uma divisória, era fixada no muro ou na janela da instituição. No tabuleiro inferior e em sua abertura externa, o expositor depositava a criancinha que enjeitava. A seguir, ele girava a roda e a criancinha já estava do outro lado do muro. Puxava-se uma cordinha com uma sineta, para avisar a vigilante ou rodeira que um bebê acabava de ser abandonado e o expositor furtivamente retirava-se do local, sem ser identificado” (MARCILIO, 1997, p. 55 apud, SILVA, 2007, p. 27).

também órfãos desamparados para resolver os problemas de trabalho braçal. Ao citar Fonseca (2004), a autora diz que nesse processo, o problema das crianças negras nascidas livres passou a ser diluída em meio à questão dos problemas da infância pobre.

Assim, um ensino emancipatório desde a creche é importante para trabalhar com a autoestima e identidade positiva da criança negra. Historicamente as crianças foram ceifadas de seus direitos de cidadãs, exploradas e expropriadas de sua infância. A escola, portanto, cabe veicular conteúdos que aproximem de sua realidade, que valorizem sua identidade e sua história.

4 A SALA DE AULA: a importância de conteúdos que abordem a temática racial na creche

Mesmo com aprovação da Lei 10.639/03 há mais de dez anos e divulgação das Diretrizes curriculares Nacionais para a Educação das Relações Raciais, muitos professores têm dificuldades em introduzir essa temática no currículo, em suas aulas, em seu planejamento.

Na creche acontece a socialização secundária, é quando a criança sai de seu círculo familiar e passa a conviver com outras crianças, é nesse espaço que a percepção sobre as diferenças se intensifica, assim, a escola deveria estar em condições para que “as curiosidades das crianças em relação àqueles que são diferentes seja associada a experiências prazerosas e descobertas do novo e não punida ou envolvida em medo, repreensões e castigos”(SANTOS, 2007, p. 14).

Quando a criança adentra o espaço de educação infantil, traz consigo experiências ricas aprendidas com seus familiares e a comunidade em que vive. Entretanto, é nesse espaço que passa a conviver com outras crianças e adultos até então desconhecidos. Por meio das interações construídas em seu cotidiano, são aprendidas novas situações que, necessariamente, passam a fazer parte de sua vida. Esse aprendizado deve ser por via de uma educação de qualidade que contemple várias dimensões da vida: a educativa, a social e a cultural. Cabe, ainda, a esse espaço de educação cuidar do bem estar da criança, desde sua higiene até de seu emocional. Cuidar e educar nessa etapa da vida são dimensões inseparáveis e fundamentais para o pleno desenvolvimento e realização do ser humano. (TRINIDAD, 2012, p. 120).

Oliveira e Abramowicz (2010) apontam que nesse espaço, as subjetivações que ocorrem constituem a criança negra como inferior e subalternizada.

Por saber da importância da Educação Infantil para formar cidadão críticos e que respeitam as diferenças pensamos no projeto **Sala do Educador: Educação das relações Étnico Raciais** que foi desenvolvido nas creches municipais de Juara/MT, através de

dinâmicas e metodologias de ensino diferenciadas buscando atingir as especificidades da modalidade.

Participaram do projeto os professores da Universidade Estadual de Mato Grosso Alexandre da Silva Colinsque, Sandra Pereira de Carvalho e Cleuza Regina Balan Taborda. Outra instituição parceira foi a Secretaria de Educação de Juara MT, 130 profissionais da rede pública municipal, destes 84 eram professoras e equipe de apoio de 5 creches.

O projeto foi realizado em todas as creches do município. Os encontros foram definidos de acordo com a agenda de formação continuada de cada instituição, ocorreram ao todo dois encontros. No primeiro encontro discutimos as bases teóricas através dos conteúdos das DCNERR, entre eles a ideologia do branqueamento, mito da democracia racial, racismo, preconceito racial e discriminação. É fundamental o entendimento desses conceitos para entender as relações raciais no Brasil. E no segundo encontro apresentamos as sugestões de atividades a serem desenvolvidas nas creches que contemplavam a temática e também uma avaliação escrita do projeto.

É desde a Educação Infantil que o trabalho pedagógico deve ser articulado respeitando o princípio do direito das crianças ao reconhecimento como cidadão com capacidades que visam sua formação social, ética, estética e de valores. Possibilitar o desenvolvimento integral supõe pensar a criança em sua totalidade, para além dos aspectos cognitivo, físico e motor.

O currículo escolar até poucos anos atrás, norteava-se por visão eurocêntrica, nas creches predominavam estórias com princesas brancas: Rapunzel, Branca de Neve, Cinderela, Bela Adormecida entre outras. Os cartazes e materiais didáticos utilizados na rotina e rituais pedagógicos tais como cardápios/calendários/tempo/abecedário predominavam as imagens de heróis e heroínas de cor branca e cabelos lisos.

Essa representação, imagens e modelos presentes na escola e na sociedade modelaram o imaginário social, e a consequência é que muitas crianças negras rejeitam sua origem, não gostam de sua cor e de sua identidade. Em relação às histórias, os clássicos são os “[...] mais narrados para pré-escolares. Nesse sentido, ele faz parte do imaginário infantil e, certamente, contribui para a construção de uma imagem social idealizada – pessoas brancas, com olhos claros.” (TRINIDAD, 2012, p. 126). Muitas crianças negras têm o “desejo de serem brancas, de cabelo liso, querendo se comparar com os personagens das histórias infantis, reforçando a imagem que a criança negra faz de si, evidenciando a negação de sua condição racial” (SOUZA, 2002 apud ABRAMOWICZ, 2010, p.213).

Os conteúdos das RCNEI, bem como as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico Raciais, contribuem para refletir sobre essa centralidade e perpetuação de um currículo eurocêntrico em pleno século XXI.

A partir da divulgação da Lei 10.639/03, muitas creches adquiriram bonecas negras e livros que trazem negros como protagonistas e que abordam a questão da diversidade racial em seus enredos. Em relação às bonecas negras, ouvi relatos de professoras que nem as crianças negras queriam brincar com as bonecas, que as mesmas ficavam jogadas em um canto da sala. Ora, se as professoras não brincarem juntas com as crianças, elas não irão brincar sozinhas, as crianças estão inseridas numa sociedade racista, o ambiente da creche reproduz essa sociedade; ela se guia por modelos, nesse caso, o modelo negro é pouco visto na escola, principalmente em bonecas.

Ter em mãos bonecas e bonecos negros, instrumentos musicais usados nas manifestações afro-brasileiras e livros que contemplem personagens negros representados de modo positivo é fundamental para o desenvolvimento de uma educação para a igualdade racial. (SILVA JR, BENTO, 2012, p. 22).

A professora deve pegar no colo, tocar, acariciar, brincar com a boneca junto com as crianças; tomar a iniciativa, a participação ativa da professora é imprescindível, não é diferente quando é para aprender e ensinar sobre as diferenças fenotípicas.

Oliveira e Abramowicz (2010, p. 22) dizem que na Educação Infantil, o racismo aparece nas relações afetivas e corporais entre adultos e crianças e nas brincadeiras espontâneas destas, já que sabemos que o jogo é uma prática fundamental nessa faixa etária. Nas brincadeiras na educação infantil, esse racismo aparece quando as crianças negras são as empregadas domésticas, quando as crianças brancas temem ou não gostam de dar as mãos para as negras, etc.

Por isso, a prática pedagógica que trata essa temática, tem que estar articulada um trabalho denso, profundo e contínuo, articulado às diferentes áreas do conhecimento, bem como propõe os RCNEI e as DCNERER. Os projetos com esse tema devem se desenvolver e se estender por todo ano letivo, não só em épocas de feriados ou semana de comemorações específicas.

5 A PROPOSTA PEDAGÓGICA DO PROJETO: sala do educador para a temática racial na creche

Constatei com as atividades do projeto que as questões raciais perpassam o currículo escolar e faz parte do cotidiano da escola, e isso não é diferente na Educação Infantil. Os educadores participantes afirmaram sobre a existência de racismo, preconceito e discriminação, narraram situações que identificaram como forma de “mal estar”, sentimento denominado por Afonso (apud OLIVEIRA; ABRAMOVICZ, 2010) e que muitos educadores têm dificuldade de admitir como racismo.

Observei que os educadores conheciam alguns materiais que tinham protagonistas negros ou que versavam sobre a África, citaram os livros dos projetos **TRILHAS³ de leitura da NATURA** e do **Pacto Nacional para a Alfabetização na Idade Certa**.

Por isso a importância de embasamento teórico sobre as questões raciais, para além das atividades práticas. Entender a complexidade que envolve as relações raciais no Brasil é fundamental para a mudança da prática pedagógica, e, concomitante, articular teoria e prática.

Os educadores apontaram que têm dificuldades em lidar com esse tema, muitas que participaram do projeto afirmaram que nem sequer sabiam por onde começar, como pesquisar sobre o assunto. Os educadores que atuam na Educação Infantil estão inseridos em um contexto social que “não aprenderam a conviver com as diferenças étnicas. Dessa forma, não estão isentos de reproduzir, mesmo que inconscientemente valores, crenças e atitudes preconceituosas” (SANTOS, 2007, p. 11).

As falas dos educadores, durante os encontros, trouxeram a estética negra como ponto de conflito na sala de aula. Disseram que as crianças rejeitam sua origem, não gostam de sua cor e de seu cabelo. O ambiente da creche tem reproduzido o que a maioria das instituições reproduz, o branco como modelo de ser humano. Além de que, muitas crianças negras ouvem de suas professoras que seu cabelo é ruim, para prenderem seus cabelos. Alguns educadores deixam explícito seu incômodo com os cabelos crespos, muitos não negam a expectativa e mesmo certeza que os cabelos estão cheios de piolhos.

O projeto sobre diversidade é de grande importância, são profissionais que se organizam e trabalham conceitos sobre o negro. Para os professores é sempre bem vindo uma vez que os nossos dias de formação são referências para reflexão e esses trabalhos levam a repensar nossas práticas e nossa responsabilidade [...]. (Avaliação dia 21/05/2014).

Pensando nesse contexto, as atividades do projeto foram articuladas em dois momentos: primeiro debate teórico e num segundo momento, metodologias que pudessem ser

³ “O TRILHAS é um conjunto de materiais elaborado para instrumentalizar e apoiar o trabalho dos professores no campo da leitura, escrita e oralidade, com o objetivo de inserir as crianças da Educação Infantil e do primeiro ano do Ensino Fundamental em um universo letrado”. (site <http://www.institutonatura.org.br/projetos/trilhas/> - Acesso em: 29 ago. 2015).

desenvolvidas na creche. Como observamos que a maioria das creches possuía aparelhos de *datshow* utilizamos história infantis que foram escaneadas, e outras foram retiradas da internet e postas em *power point*. Após a sequência das histórias apresentamos sugestões de atividades individuais e coletivas de interpretação oral, desenhos, confecções de bonecos, cartazes, brincadeiras e pinturas.

Na Educação Infantil as atividades lúdicas devem perpassar todo o trabalho pedagógico, assim dispomos de materiais digitalizados (por não termos recursos financeiros, e filmes, retirados do site *You Tube* que envolviam a temática). Os livros disponibilizados foram:

Tanto, tanto. Trish Cook. São Paulo: Ática, 1997.

O menino NITO. Sonia Rosa. Rio de Janeiro, Pallas, 2002.

As tranças de Bintou. Sylviane A. Diouf. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

Menina bonita do laço de fita. Ana Maria Machado. São Paulo: Ática, 1997.

A princesa Arabela mimada que só ela. Mylo Freeman. São Paulo: Ática, 2008.

História CADE. Graça Lima. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

Meninas negras. Madu Costa. Belo Horizonte: Mazza edições.

A menina e o tambor. Sonia Junqueira, Belo Horizonte: Mazza edições, 2002.

O cabelo de Lelê. Valéria Belém. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

Que cor é minha cor. Marta Rodrigues. Belo Horizonte: Mazza edições 2006.

E os vídeos:

Kiruku e a princesa KARABA⁴

Kiriku e os animais selvagens⁵

Menina bonita do laço de fita (animação)

Imagine uma menina com cabelos de Brasil⁶

⁴ “Um menino especial, Kiriku, nasce na aldeia e quer saber por que a feiticeira, Karabá, que engoliu todos os homens da aldeia, é má. Mas, se a narrativa parece simples, o seu desenrolar e sua preposição é, altamente, complexa.” [...] Não se trata de “matar a feiticeira porque ela é má” [...], mas se trata de compreender as razões desta maldade e livrar a sua comunidade do sofrimento imposto pela feiticeira, numa jornada interpretativa, e assim também livrar a própria Karabá do sofrimento.” (SANTOS, 2005, p. 223).

⁵ O filme narra quatro histórias inspiradas em lendas africanas, após sobreviver e ter água em abundância Kiriku passa a lidar com a agricultura e também produz pote para angariar dinheiro para a sua tribo, a segunda história será a aventura de kiriku que viaja em girafa, depois as mães da tribo serão envenenadas pela feiticeira e kiriku irá busca o antídoto contra o veneno. Mais informações no site:

<<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,kirikou-os-animais-selvagens-e-alternativa-de-animacao,51115>>.

⁶ O vídeo fala sobre os diferentes tipos de cabelos de diferentes origens. Mostra a insatisfação da menina Brasil com os seus cabelos em relação a outros tipos de cabelo, fala da chapinha e de outros recursos que as meninas fazem para alisar seus cabelos, ate que ela entende e aceita sua origem que o cabelo revela sua origem. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zoSm3XcHgDQ>>.

Os dois últimos vídeos foram destinados a formação dos educadores e não para ser usado no trabalho pedagógico. Esses vídeos permitem que os mesmos possam refletir como é conflituoso para a criança negra lidar com sua cor, com sua estética num país em que o padrão de beleza é europeu. Os demais foram destinados ao trabalho com às crianças.

Em relação aos livros, eles contêm imagens de crianças negras, com suas famílias, princesas negras; história de costumes, cultura e hábitos de pessoas que moram em diferentes países da África. Aborda a estética negra, principalmente os cabelos.

Os vídeos trazem uma abordagem informativa e didática, de fácil compreensão e belas imagens. Permitem a reflexão sobre a temática de forma prazerosa e dinâmica. O repertório apresentado sugere práticas pedagógicas possíveis de trabalhar com crianças de 0 a 5 anos de idade e fortalece a autoestima da criança negra.

As professoras apreciaram o material, a maioria não os conhecia. Aqui será apresentado as falas coletadas na avaliação escrita do projeto:

Muito importante, um suporte ótimo para minha prática em sala de aula e fora dela. Identifiquei muito com a sua leitura, clara e bem entendida de acordo com nossa realidade [...]. (Avaliação 22/05/2014).

Para mim foi ótimo rever alguns conceito em relação ao tema. [...] diálogo claro sobre o assunto que às vezes é tão polêmico e muitas vezes não sabemos como trabalhar em sala de aula. (Avaliação 27/05/2014).

[...]através desse debate de ideias, abrimos nossa mente para poder trabalhar melhor com os nossos pequenos, amei os livros apresentados, os vídeos, e acredito que devemos ter mais esse tipo de formação [...]. (Avaliação 26/05/2014).

Com o desenvolvimento do projeto, observou-se que a maioria dos educadores, é sensível ao tema, presenciam discriminação na creche quando as crianças se recusam a dançar, pegar na mão, abraçar o coleguinha de cor preta. Muitas relataram não saber o que fazer em tais situações. A maioria afirmou que essas crianças aprendiam ser racista com os pais em casa, porque ali eles tratavam todo mundo igual.

Sobre o trabalho pedagógico, Oliveira (1988 apud OLIVEIRA, 2004) aponta que, além de um trabalho pedagógico igualitário, a postura do professor é muito importante para acabar com a discriminação racial desde a creche. Não permitir brincadeiras depreciativas em relação a origem racial dos alunos, a desmistificação da África. O fato de dar ao aluno negro

⁷ O vídeo fala sobre crianças negras, como elas se representam, como lidam com sua cor, através de oficina de arte, onde se desenham e falam sobre sua cor. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Dp-LxZ3Ck7c>>.

pequenas tarefas que são destinadas aos melhores da sala, contribui para que o aluno possa ser respeitado, já que a professora o respeita.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência com o projeto confirmou o cenário atual das relações raciais, das dificuldades dos educadores articularem um trabalho pedagógico sem formação adequada, que o mito da democracia e o discurso da igualdade ainda persistem nas falas de alguns profissionais o que acaba por diluir a problemática racial a outras questões de discriminação. “A medida que os agentes pedagógicos não reconhecem o direito `a diferença, acabam mutilando a particularidade cultural de um segmento importante da população negra” (GONÇALVES, apud OLIVEIRA, 2004, p. 95).

Os relatos dos profissionais que atuam na creche evidenciaram a importância das universidades, instituições de formação continuada, a pensar e refletir sobre esse tema, buscar oferecer mais cursos para os profissionais que atuam diretamente na escola.

Os materiais disponibilizados pelo projeto para a Educação Infantil agradaram os educadores, mas é necessário mais pesquisas para saber sobre a prática e uso desses materiais no dia a dia da creche, e em que isso melhora as relações raciais, como favorece a construção de uma imagem positiva das crianças negras nesse espaço, que é mais que um dever, é um direito.

CHILDHOOD EDUCATION AND RACIAL RELATIONS: methodological possibilities

ABSTRACT

The article try to reflect about the pedagogic practice in the childhood education and the racial relations starting by the project **Educator’s room: Education of the ethnic racial relations**. This project involved UNEMAT professors’ of Juara Campus/MT, Municipal Department of Education and Professional Juara schools and public kindergartens. In this text we present aspects about the thematic diversity present on the Curriculum National References to the Childhood Education (RCNEI) and in the Curriculum National Guidelines to the ethnic relations (RCNERR) the black child history in Brazil and a pedagogic proposition to the racial thematic at the Kindergarten.

Keywords: Childhood Education. Racial Relations. Kindergarten. Professors.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICZ, Anete; WAJSKOP, Gisela. **Educação Infantil:** atividades para as crianças de 0 a 6 anos. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Moderna, 1999.

BRASIL. **Lei 10.639** de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: 2003.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental - Vol. 1: Introdução. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio escolar ao silêncio do lar-Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** São Paulo: Contexto, 2000.

FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial de crianças brasileiras:** socialização entre pares e preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

OLIVEIRA, Fabiana de. **Um estudo sobre as creches:** o que as práticas educativas produzem e revelam. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de São Carlos, 2004.

_____. ; ABRAMOVICZ, Anete. Infância, raça e “paparicação”. **Educação em Revista,** Belo Horizonte, v. 26, n. 02, p. 209-226, ago. 2010.

SILVA, Cristiane Irinéia. **Acesso das crianças negras à educação infantil:** um estudo de caso em Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

SANTOS, Gislene Aparecida. **Percepção das diferenças.** Ministério da Educação e Secretaria Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. v. 1, Brasília: MEC/SEF, 2007.

SANTOS, Marcos Ferreira dos. Ancestralidade e Convivência no Processo Identitário: A Dor do Espinho e a Arte da Paixão Entre Karabá e Kiriku. In. **Educação anti-racista:** caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA JR, Hédio; BENTO, Maria A. S.; CARVALHO, Silvia P.. **Educação infantil e práticas promotoras de igualdade racial.** São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT: Instituto Avisa lá - Formação Continuada de Educadores, 2012.

TRINIDAD, Cristina Teodoro. Diversidade étnico-racial: por uma prática pedagógica na educação infantil. In. BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). **Educação infantil, igualdade**

racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012.

Recebido em: 15 de agosto de 2015.

Aprovado em: 19 de agosto de 2015.